



A Crise do Shabat

HISTÓRIAS DO PODER
DO SHABAT

PORQUE *HASHEM* NOS
DEU ESSE DIA SAGRADO

O SHABAT EM PERIGO

Copyright © 2025 by Sharing Hope Publications. Esta obra pode ser impressa e compartilhada sem autorização para fins não comerciais.

Os textos bíblicos foram extraídos da versão Nova Almeida Atualizada (NAA). Copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil.

Language: Portuguese

Primeira edição
2025



Sumário

01	
O dia que nos guarda	4
02	
Para quem é o Shabat?	10
03	
O significado especial do Shabat para nós hoje	16
04	
A profecia de um reino perseguidor	24
05	
Quando o Shabat é desrespeitado	34

An oil painting depicting a man in a dark suit and top hat, seen from behind, waving his right hand towards a crowd on the deck of a large steamship. The ship has a prominent red hull and a white superstructure with a large black smokestack. The scene is set on a wooden pier or dock, with the water visible in the foreground. The lighting suggests a warm, golden hour, with soft shadows and highlights on the figures and the ship's structure. The overall mood is one of farewell or a significant departure.

O dia que nos guarda



01

Rose, uma menina de doze anos, pisou em um cais no porto da Polônia, de onde embarcaria em um navio rumo à América. Aquela viagem marcaria uma nova fase em sua vida. Sua família vinha economizando há muito tempo para enviar um dos filhos à América, com a esperança de uma vida melhor. Rose, a caçula de nove irmãos, havia sido a escolhida.

Agora, o dia havia chegado, e o pai de Rose estava ali para se despedir.

Ele a advertiu: — Rose, minha filha, lembre-se: [*HASHEM*] está cuidando de você a cada passo. Lembre-se das Suas leis e guarde-as bem. Nunca se esqueça: não é apenas os judeus que guardaram o Shabat, mas o Shabat guardou os judeus. Vai ser difícil no novo país. Não se esqueça de quem você é. Guarde o Shabat, não importa qual sacrifício precise fazer.

— Pai! Pai! — exclamou Rose, envolvendo os braços ao redor dele num abraço apertado. Ele retribuiu o abraço e segurou sua preciosa filha pela última vez.

Quando a sirene do navio soou, o pai de Rose entendeu o sinal. Ele desceu pela prancha, enquanto ela permanecia junto à grade, observando a figura curvada do pai se tornar cada vez menor.

Durante a viagem, perguntas enchiam a mente de Rose. Seus parentes nos Estados Unidos estariam no porto de Nova York para recebê-la? Iriam aceitá-la em sua casa? Tudo parecia incerto e assustador. Rose se perguntava se teria sucesso nessa nova terra.

Por fim, Rose chegou e desembarcou, encontrando seus parentes à sua espera. Eles a receberam e a levaram para morar com eles.

Logo, Rose percebeu que eles viviam de forma bem diferente. Seus parentes haviam, em grande parte, se afastado da religião, pois consideravam as tradições antigas e ultrapassadas.

Rose também passou por mudanças. Passou a vestir roupas diferentes e cortou o cabelo para parecer mais moderna. Mas sempre se lembrava das palavras de seu pai. Não podia desonrar o Shabat.

Lutando com a consciência

Logo, Rose conseguiu um emprego como operadora de máquina de costura em uma

fábrica. Mas havia um problema: o trabalho exigia que ela trabalhasse no Shabat, e ela não tinha coragem de explicar que não poderia fazer isso.

Ainda assim, sua consciência a incomodava. Nos três primeiros fins de semana, ela conseguiu inventar desculpas para evitar trabalhar no Shabat. Mas, por fim, seu chefe lhe deu um ultimato: — Rose, eu gosto do seu trabalho e gosto de você. Mas esse negócio de Shabat precisa acabar. Ou você vem trabalhar neste sábado, ou pode procurar outro emprego. Ele foi gentil, mas firme.

Quando os parentes de Rose souberam da situação, insistiram para que ela trabalhasse no Shabat: — Rose, querida, escute a gente. É para o seu próprio bem — disseram. Ela se sentiu dividida. Como poderia ir contra sua consciência? Durante toda a semana, travou uma batalha interior entre o desejo de guardar o Shabat e a pressão de agradar seus parentes.

Na sexta-feira, enquanto trabalhava, o conflito persistia. Ao ouvir o zumbido das máquinas de costura, perguntou-se se seria tão errado assim ir e fazer aquele trabalho no dia seguinte. Refletiu consigo mesma: *“Por um lado, meu pai não está aqui para me ajudar a ser forte. Quero agradar meus novos amigos. Quero ter amigos. Quero me encaixar neste novo país. Por outro lado, como posso esquecer [o*



Shabat]? Como posso abrir mão da beleza que meu pai me ensinou?"

Quando o Shabat começou naquela noite, Rose sabia o que precisava fazer.

Na manhã seguinte, com medo de contar sua decisão aos parentes, ela saiu cedo de casa e foi para o parque, onde passou o dia descansando. Sentou-se em um banco e cantou canções tradicionais de Shabat para os pombos que se reuniam ao seu redor. Lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto enquanto cantava. Ela sabia que essa decisão lhe custaria o emprego e a aceitação de seus parentes.

O Shabat guardou Rose

Ao pôr do sol, Rose fez a bênção de encerramento do Shabat: "*Baruch HaMavdil*", e se preparou para voltar para casa. Cada passo era difícil, enquanto ela imaginava qual seria a reação ao chegar em casa.

Mas, ao se aproximar da casa, seu primo Joe a viu e exclamou, surpreso: — Mas... [achei que] você tivesse morrido, Rose! O que... o que... quer dizer, como você está aqui? Onde você estava? Ele gaguejou, chocado.

Rose não entendeu. Mas lágrimas começaram a rolar novamente por seu rosto enquanto ela

compartilhava sua angústia com ele: — Joe, o que vai ser de mim? Guardei o Shabat e perdi meu emprego. Agora todos vão ficar bravos e decepcionados comigo e, ó, Joe, o que vou fazer?

— Rose, você não ficou sabendo?

— interrompeu Joe.

— Sabendo do quê?

Então, ele contou a história. Houve um incêndio na fábrica onde Rose trabalhava. Dos 190 operários, menos de 50 sobreviveram. E se Rose tivesse estado lá? Será que estaria entre os falecidos? Deus honrou a decisão de Rose de seguir sua consciência e guardar o Shabat. Ao guardar o Shabat, o Shabat a guardou.¹

Deus deu o Shabat como um meio de bênção especial para nós. A palavra *Shabat* significa “descanso” ou

“cessar”, e, em um mundo que trabalha sem parar, Deus deseja que paremos nesse dia para sermos renovados. Jolie, uma estudante dedicada, conta que, ao retornar às suas raízes religiosas, o Shabat a libertou das preocupações diárias:

“Eu era viciada em estudar. Aos sábados de manhã, logo após o café da manhã, ia às 10h para a biblioteca da universidade e ficava estudando até as 17h. Então, a ideia de ter um dia de descanso, em que eu pudesse largar a caneta e deixar a biblioteca para trás, foi uma libertação além do que eu poderia imaginar.”²

A crise do Shabat que se aproxima

Além das bênçãos físicas que Rose e Jolie experimentaram, o



Wikimedia Commons

Quando escolhemos obedecer a Deus e honrá-Lo acima de nossos próprios desejos, Ele abençoa essa decisão.

Shabat oferece bênçãos espirituais incomensuráveis. Quando escolhemos obedecer a Deus e honrá-Lo acima de nossos próprios desejos, Ele abençoa essa decisão.

Mesmo assim, guardar o Shabat nem sempre é fácil. Às vezes, exige decisões difíceis que vão contra nossas inclinações e a vontade de familiares. E embora Deus tenha abençoado a decisão de Rose, Ele nem sempre nos livrará de situações desafiadoras. O que faremos quando honrar o Shabat e permanecer leal a Deus significa perder o emprego ou ser rejeitados por pessoas que amamos? E se nossa própria vida estiver em risco?

Os guardadores do Shabat sabem muito bem o que é ser perseguido. Ao longo dos séculos, perseguição, crueldade e morte foram duras realidades para eles. Essa

perseguição continua até hoje, ainda que menos divulgada. Mas está chegando um tempo em que a perseguição acontecerá em escala mundial, atingindo todos os que escolherem a lealdade a Deus e ao Seu Shabat.

Como sabemos que essa perseguição virá? E o que nos manterá fiéis quando o mundo inteiro nos pressionar a violar nossa consciência?

Nesta revista, aprenderemos sobre um poder político-religioso, profetizado no Tanakh, que procurou alterar o dia sagrado de Deus. Seus decretos levarão a uma crise para o povo de Deus pouco antes da vinda do Mashiach. Também exploraremos o significado e o propósito do Shabat, para que sejamos encorajados a nos apegar ainda mais a esse dia sagrado.

Referências

1. Para a história completa, veja Yitta Halberstam Mandelbaum e Judith Leventhal, *Small Miracles: Extraordinary Coincidences from Everyday Life* (Reino Unido: Adams Media Corporation, 1997).
2. Jolie Greiff, "I Took the Road Less Traveled—And Stayed There", Chabad.org.

A dramatic painting depicting a volcanic eruption. In the background, a jagged mountain peak is engulfed in bright orange and yellow flames, with thick plumes of smoke rising into a dark, stormy sky. In the foreground, several people are shown from behind, looking towards the volcano. On the left, a man in a white robe points towards the mountain. In the center, a man in a white robe has his hands raised in a gesture of awe or prayer. On the right, a woman in a blue robe is holding a young child with long brown hair. The overall mood is one of awe and divine presence.

Para quem é o Shabat?



02

O trovão rugiu seu aviso. Relâmpagos surgiam de repente e desapareciam tão rápido quanto vinham. Nuvens densas cobriam a montanha, que exalava fumaça e tremia como se fosse sacudida por um terremoto. Era o monte Sinai, e, nesse dia, Deus viera falar ao Seu povo.

O povo tremia e, obediente, afastou-se da montanha enquanto aguardava a mensagem de Deus. O temor e a reverência enchiam seus corações.

Do meio dos estrondos e tremores, Deus disse: “Eu sou *ADONAI*, seu Deus, que o tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êxodo/Shemot 20:2). Ele pronunciou os Dez Mandamentos, que mais tarde seriam escritos em pedra para lembrar ao Seu povo de sua natureza imutável.

Um midrash sugere:

“Na ocasião da entrega da Torá, os Filhos de Israel não apenas ouviram a voz do SENHOR, mas

viram as ondas sonoras enquanto saíam da boca do SENHOR. Elas lhes pareciam como uma substância de fogo. Cada mandamento que saía da boca do SENHOR percorria todo o acampamento e voltava para cada judeu individualmente.”

O midrash ainda cita as palavras do rabino Yochanan: “A voz de Deus, ao ser pronunciada, dividiu-se em setenta vozes, em 70 idiomas, para que todas as nações pudessem entender.”¹

Se a Torá foi realmente falada em 70 idiomas, é porque Deus queria que todos, não apenas os judeus, ouvissem a mensagem. Mesmo assim, muitos acreditam que o mandamento do Shabat, pronunciado naquele dia, seja apenas para os judeus. Vamos voltar ao Tanakh e entender para quem o Shabat foi destinado.

Uma das duas instituições sagradas

Famílias se reúnem ao redor de mesas iluminadas por velas, com uma challah recém-assada e suco de uva diante de si. É sexta-feira à noite, e os que estão à mesa se preparam para recitar o *kiddush*. É uma cena familiar em um lar judaico. Uma das partes do *kiddush* que será recitada é o *vayechulu*:

“Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e tudo o que neles há. E, havendo

Deus terminado no sétimo dia a Sua obra, que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que tinha feito. E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito” (Gênesis/Bereishit 2:1-3).

Ao recitar essa passagem todas as sextas-feiras à noite, os judeus lembram que Deus abençoou o Shabat na criação.

Naquele tempo, a nação judaica ainda não existia. Adão e Eva foram os primeiros a celebrar o Shabat. Será que Deus pretendia que toda a humanidade desfrutasse de suas bênçãos?

Deus estabeleceu duas instituições importantes por ocasião da Criação. Uma delas foi o Shabat, e a outra foi o casamento. Enquanto



Adão dava nome aos animais, ele percebeu que não tinha uma companhia, como cada animal tinha. Deus reconheceu a necessidade de Adão de uma parceria quando afirmou: “Não é bom que o homem esteja só; farei para ele uma auxiliadora que seja semelhante a ele” (Gênesis 2:18). Então Deus providenciou a linda Eva para Adão e abençoou sua união. O capítulo termina com as palavras: “Por isso, o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne” (Gênesis 2:24).

Assim, Deus instituiu no Éden tanto o Shabat quanto o casamento como sagrados. O casamento não foi dado apenas ao povo judeu. Nem o Shabat! Ambos foram concedidos como bênçãos especiais para toda a humanidade desfrutar!

O Shabat antes do Sinai

Se o Shabat realmente foi instituído na criação, existe evidência de que outros o guardaram antes do monte Sinai? A lei de Deus já existia desde a criação? E alguém a obedecia? Vejamos alguns exemplos.

Gênesis 4:3 e 4 diz que Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, trouxeram ofertas a Deus “ao fim de um certo tempo”. Traduzindo literalmente do hebraico, a expressão é “no fim dos dias”. A pergunta que surge é: qual fim de dias? Até aqui, o único “fim dos dias” mencionado no Tanakh é o do Shabat — o sétimo dia da semana. Isso sugere que

Caim e Abel traziam ofertas a Deus em atitude de adoração naquele dia.

Infelizmente, a história de Caim e Abel terminou em tragédia. Caim, com inveja porque a oferta de Abel foi aceita por Deus e a sua não, matou seu irmão. Será que Caim sabia que matar seu irmão era errado? Devia saber! Deus o confrontou perguntando: “O que foi que você fez?” (Gênesis 4:10). Então, Deus colocou uma maldição sobre ele.

A única maneira de Caim saber que o assassinato era errado seria se a lei de Deus, incluindo o sexto mandamento — “Não matarás” —, já existisse naquele tempo.

Antes mesmo de ser proclamada no monte Sinai, a lei de Deus já era obedecida por Seus seguidores. Esses seguidores incluíam Noé. Na verdade, Noé até observava as leis de *kashrut*: a separação entre o puro e o impuro, o kosher e o treif. Ao preparar a arca para um dilúvio que cobriria toda a Terra, ele levou dois de cada animal impuro, mas sete de cada animal puro, certamente para prover alimento para sua família (Gênesis 7:2). Noé guardava os mandamentos de Deus, embora não fosse judeu. Podemos presumir que ele também guardava o Shabat.

E não devemos esquecer o patriarca Abraão. Gênesis 26:5 relata que Deus fez uma aliança com Abraão “porque Abraão obedeceu à Minha palavra e guardou os Meus *mitzvot*, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis.” Ele



Guardando a Lei de Deus antes do Sinai

1 Adão e Eva foram as primeiras pessoas a celebrar o Shabat.

2 Caim e Abel trouxeram ofertas para Deus no fim dos dias (Gênesis 4:3, 4).

não era judeu, mas também guardava os mandamentos de Deus.

Para o estrangeiro também

Como já mencionamos, uma tradição rabínica diz que Deus, ao falar do Monte Sinai, pôde ser ouvido nos 70 idiomas conhecidos na época, simbolizando o mundo todo. O local escolhido para esse evento é significativo:

“A Torá foi dada em público; dada abertamente em um lugar livre. Pois, se a Torá tivesse sido entregue na terra de Israel, os israelitas poderiam ter dito às nações do mundo: Vocês não têm parte nela. Mas como foi dada no deserto, publicamente e abertamente, em um lugar que é livre para todos, qualquer um que desejar aceitá-la pode vir e aceitá-la.”²

Ao proclamar Sua lei no deserto, Deus estava compartilhando-a com todas as nações. Encontramos mais evidência para isso no próprio mandamento do Shabat:

“Lembre-se do *Yom Shabat*, para o santificar. Seis dias você trabalhará e fará toda a sua obra, mas o sétimo dia é *Shabat* dedicado a *ADONAI*, seu Deus. Não faça nenhum trabalho nesse dia, nem você, nem o seu filho, nem a sua filha, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu animal, nem o estrangeiro das suas portas para dentro. Porque em seis dias *ADONAI* fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso *ADONAI* abençoou o *Yom Shabat* e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

A primeira palavra, *lembra-te*, teria direcionado a mente do povo de volta à criação, quando Deus instituiu o Shabat. Naquele tempo, ainda não existiam judeus.

Mas, para não deixar dúvidas, Deus incluiu “o estrangeiro das suas portas para dentro”. A palavra hebraica traduzida como “*estrangeiro*” não significava apenas um visitante do povo de Israel, mas se



3 Noé guardava os mandamentos de Deus, embora não fosse judeu (Gênesis 7:2).

4 “Abraão obedeceu à Minha palavra e guardou os Meus *mitzvot*, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis” (Gênesis 26:5).

referia a um não judeu. Com isso, Deus deixou evidente que as bênçãos do Shabat deveriam se estender aos estrangeiros em Israel.

Isaías/Yeshayahu 56:2 declara com estas palavras: “Bem-aventurado o homem que fizer isto, e o filho do homem que lançar mão disto; que se guarda de profanar o Shabat, e guarda a sua mão de fazer algum mal (versão ACF).” Aqui a palavra para “filho do homem” é *ben-Adam* ou “filho de Adão”. Deus estava chamando todos os descendentes de Adão, não apenas os judeus, para guardar o Shabat.

Alguns versos depois, o pensamento continua, “Aos estrangeiros que se aproximam de *ADONAI*, para O servir e para amar o nome de *ADONAI*, sendo deste

modo servos Dele, sim, todos os que guardam o *Shabat*, não o profanando, e abraçam a Minha aliança, também os levarei ao Meu santo monte e lhes darei alegria na Minha Casa de Oração. Os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no Meu altar, porque a Minha casa será chamada Casa de Oração para todos os povos” (Isaías 56:6, 7). Mais uma vez, vemos Deus incluindo os estrangeiros com Seu povo na guarda do Shabat.

Deus deu o Shabat, essa instituição sagrada, a toda a humanidade no momento da Criação, e Seu povo, mesmo antes da formação da nação judaica, já o guardava fielmente. Hoje, Ele ainda convida “todas as nações” a participarem das bênçãos do Shabat.

Referências

1. *Shemot Rabbah* 5:9.
2. *Mekhilta Bahodesh* 4, II 227.

A still life painting depicting the preparation for Shabbat. In the background, two lit candles in ornate holders cast a warm, golden glow. Next to them is a dark glass bottle, likely containing wine. In the foreground, a white ceramic plate is piled high with round, golden-brown challah rolls. To the right of the plate, a bunch of red and green grapes is visible. A white ceramic cup, possibly for wine or water, stands next to the grapes. The overall atmosphere is warm and intimate, with soft lighting and rich colors.

O significado especial do Shabat para nós hoje



03

Toda sexta-feira à noite, quando os judeus celebram o início do Shabat com um jantar especial, recitam o *kiddush* antes de beber o suco de uva:

“Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que crias o fruto da videira. Bendito és Tu, Senhor nosso Deus, Rei do Universo, que nos santificou com os Seus mandamentos, Se agradou de nós e, com amor e benevolência, nos deu Seu santo Shabos como herança, como memorial da Criação. O Shabos é o primeiro dos dias sagrados, em lembrança da saída do Egito. Pois Tu [Deus] nos escolheste e nos santificaste dentre todas as nações, e com amor e benevolência nos concedeste o Teu santo Shabos como herança. Bendito és Tu, Senhor, que santificas o Shabos.”

Nesta recitação, encontramos duas bênçãos: uma bênção sobre o fruto da videira e uma santificação do Shabat. Ela também destaca o importante significado do Shabat: o Shabat é um memorial tanto da Criação quanto da libertação do povo de Deus do Egito, e uma lembrança do poder de Deus para tornar Seu povo santo. Exploraremos mais a fundo esse significado do Shabat.

Memorial da Criação

O quarto mandamento é um chamado para o povo de Deus “lembrar”. No Shabat, o povo de Deus comemora Sua criação do mundo:

“Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e tudo o que neles há. E, havendo Deus terminado no sétimo dia a Sua obra, que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que tinha feito” (Gênesis 2:1, 2).

Hoje, evolucionistas e ateus acreditam que o mundo surgiu por meio de uma explosão que juntou átomos e moléculas. Com o tempo, ao longo de milhões de anos, as criaturas que vemos hoje evoluíram. Segundo esse modelo evolutivo, os próprios seres humanos começaram como organismos unicelulares que se desenvolveram gradualmente. Mas que valor essa teoria oferece ao ser humano? Ela nos rebaixa ao mesmo nível dos animais!

Por outro lado, se acreditamos no relato da criação que o Tanakh apresenta, de que um Deus amoroso

falou e o mundo passou a existir, e formou os seres humanos com Suas próprias mãos (Gênesis 1-2), como isso muda a forma como vemos o mundo? Isso confere o mais alto valor a cada aspecto da criação!

A criação do mundo por Deus nos ensina outra lição muito importante. No primeiro dia, Ele criou os céus e a terra e separou a luz das trevas. No segundo dia, separou as águas do céu, formando a atmosfera. No terceiro dia, formou a terra seca. Cada um desses dias resultou em espaços vazios: o céu no primeiro dia, as águas no segundo, e a terra seca no terceiro. Mas esses espaços precisavam ser preenchidos!

Assim, no quarto dia, Deus encheu o céu com o Sol, a Lua e as estrelas. No quinto dia, encheu as águas com a vida marinha. No sexto dia, encheu a terra seca com animais e seres humanos.

Mas ainda restava um espaço a ser preenchido. O sétimo dia era um espaço de tempo, e Deus escolheu preenchê-lo com Sua própria presença. Sempre que entramos nesse espaço de tempo em lembrança do Shabat, entramos em estreita comunhão com o Todo-Poderoso do Universo. Embora Ele seja todo-poderoso e glorioso, Ele se importa conosco e atribui um valor infinito a cada um de nós. O Shabat é uma expressão do Seu desejo de estar presente conosco e nos conceder Sua bênção. E assim como Ele preencheu cada um dos



espaços vazios na Criação, o Shabat nos lembra de que Ele também deseja preencher o vazio em nossa vida.

Memorial da Redenção

Um texto na Torá indica outro aspecto importante do Shabat. Deuteronômio/Devarim 5:12-15 repete o mandamento do Shabat, mas acrescenta: “Lembre-se de que você foi escravo na terra do Egito e que *ADONAI*, seu Deus, o tirou de lá com mão poderosa e braço estendido. Por isso *ADONAI*, seu Deus, ordenou que você guardasse o *Yom Shabat*.”

À medida que o povo de Israel guardava o Shabat, deveria olhar para trás, para o tempo em que estivera no Egito, e lembrar como Deus os libertou da escravidão. Eles refletiriam sobre as muitas pragas que caíram sobre os egípcios enquanto os israelitas foram preservados. Lembrariam especialmente da noite de Pêssach, quando o anjo destruidor passou e matou os primogênitos dos egípcios. E, é

claro, não poderiam se esquecer da abertura do Mar Vermelho, que permitiu que todos os israelitas atravessassem em terra seca, mas afogou seus inimigos.

A redenção dos israelitas do Egito simboliza a liberdade que Deus deseja oferecer a cada um do Seu povo ao longo da história. A redenção (*geulá*) é um conceito muito importante para o povo judeu, e significa mais do que simplesmente ser liberto da escravidão; trata-se de restauração completa.

Ao guardarmos o Shabat, comemoramos a libertação do pecado, a redenção, que vem por meio de Deus. Isso nos encoraja a crer que Ele em breve nos dará a redenção final deste mundo mau, para que possamos desfrutar de Seu reinado messiânico para sempre.

Sinal do poder de Deus para nos tornar santos

Deus instruiu Moisés a falar “aos *Bnei-Yisrael* e diga-lhes o seguinte: ‘Certamente vocês guardarão os

Meus *Shabbatot*, pois é sinal entre Mim e vocês de geração em geração, para que vocês saibam que Eu sou *ADONAI*, que os santifica” (Êxodo 31:13).

Essa ordem nos ajuda a compreender outro propósito do Shabat: ele é um sinal do poder de Deus para santificar Seu povo. A palavra hebraica para *santificar* nesse trecho é *qādaš*, que significa “ser separado” ou “consagrado” para um propósito especial. Essa mesma palavra é usada quando o Tanakh se refere ao Shabat como santo, e ao primogênito ou aos sacerdotes separados por Deus (primogênitos: Êxodo 13:2; Números 3:13; sacerdotes: Êxodo 29:1, 21; 30:30; Levítico 8:30; tabernáculo: Êxodo 29:37, 44; 40:9).

Deus separou o Shabat para um propósito especial, mas Seu povo também foi separado para um propósito especial: ser Seu povo santo. O Shabat é um lembrete dessa realidade. Porque Deus é santo e o Shabat é santo, a única forma de realmente guardarmos o Shabat é se também formos santos. Isaías 58:13, 14 instrui:

“Se vigiarem os seus pés, para não profanarem o sábado; se deixarem de cuidar dos seus próprios interesses no Meu santo dia; se chamarem ao sábado de ‘meu prazer’ e ‘santo dia do *ADONAI*, digno de honra’; se guardarem o sábado, não seguindo os seus próprios caminhos, não pretendendo fazer a sua própria vontade, nem falando palavras vãs, então vocês terão no *ADONAI* a sua fonte de alegria. Eu os farei cavalgar sobre os altos da terra e os sustentarei com a herança de Jacó, seu pai. Porque a boca do *ADONAI* o disse.”

Ainda assim, devemos sempre nos lembrar das palavras de Êxodo 31:13: que é Deus quem nos santifica; Ele nos torna santos e nos capacita a guardar o Shabat como santo. Que presente!

Um tempo para os relacionamentos

Deena olhou para o relógio quando um anúncio foi feito no alto-falante do avião: seu voo atrasaria três horas devido ao mau tempo no destino. Ela sabia que

***Ao guardarmos o Shabat,
comemoramos a libertação do
pecado, a redenção, que vem por
meio de Deus.***

o Shabat não começava até o fim do dia naquela época do ano, mas não tinha certeza se conseguiria chegar em casa antes disso com esse atraso.

Depois de algum tempo, outro anúncio informou aos passageiros que eles não poderiam voar para o destino original e que seriam redirecionados por outra cidade. O que Deena deveria fazer agora? Ela sabia que não poderia violar o Shabat.

Mas ela não era a única judia no voo. Decidiu se apresentar a um jovem judeu. Ele já havia contatado um rabino no novo destino, que ofereceu hospedagem a qualquer passageiro judeu que estivesse preso ali, para passar o Shabat com a comunidade judaica local.

Quando o passageiro ao lado de Deena, que não era judeu, ouviu sobre sua situação, não acreditou. — Deixe-me ver se entendi corretamente — ele disse. — Você vai descer do avião em uma cidade onde nunca esteve, com pessoas que não conhece, para passar a noite na casa de completos estranhos? A reação dele fez Deena perceber o quanto era grata pela comunidade de pessoas que guardam o Shabat.

Naquela noite, quando o voo finalmente chegou, os passageiros judeus rapidamente pegaram suas bagagens e encontraram táxis para levá-los até a casa do rabino. Chegaram exatamente a tempo para o início do Shabat. Foram calorosamente recebidos

e participaram das celebrações: ascender as velas do Shabat, recitar o *kiddush* e partilhar a refeição de Shabat juntos. Ela sentiu um senso de pertencimento e fraternidade com aquelas pessoas, enquanto compartilhavam histórias e momentos de comunhão durante a noite e novamente no dia seguinte.

Após o término do Shabat, Deena e seus companheiros de viagem tiveram de, tristemente, se despedir de seus novos amigos. De fato, a beleza da hospitalidade sabática os aproximou e lhes deu um sentimento de pertencimento naquele dia em que ficaram retidos.

Ao relemburar a experiência, Deena percebeu: “Estando a quilômetros de distância dos meus pais, do meu marido e da minha casa, consegui realizar o que pretendia quando comprei a passagem: passei o Shabat com a família.”¹

A experiência de Deena ilustra a importância do Shabat para a construção de relacionamentos. Ele une famílias e comunidades, permitindo que deixem de lado a correria diária para estarem juntos em comunhão e aprofundarem seus vínculos.

Além disso, o Shabat nos oferece um tempo separado para cultivar nosso relacionamento com Deus. Assim como um relacionamento terreno exige tempo para desenvolver confiança e intimidade,



precisamos passar tempo com Deus para conhecê-Lo. Como podemos confiar Nele se não O conhecemos? Como podemos amá-Lo se não reservamos tempo para nos familiarizar com Ele por meio do Tanakh e de momentos de oração? Embora busquemos a Deus diariamente, o Shabat oferece um espaço consagrado de tempo para nos encontrarmos com Ele de uma forma mais profunda do que durante a semana.

Um antegozo do Céu

Uma tradição judaica diz que *HASHEM* falou ao povo de Israel com estas palavras: — Meus filhos, tenho um grande tesouro que lhes darei se aceitarem a Torá e observarem as *Mitzvot*.

Ao ouvir isso, o povo perguntou: — Qual é o tesouro que nos darás se observarmos a Torá?

HASHEM respondeu: — É a recompensa no Mundo Vindouro.

— Onde está uma amostra do Mundo Vindouro? — pediu o povo.

HASHEM lhes deu esta promessa: — Eu lhes darei o santo dia de Shabat, que é um sexagésimo do Mundo Vindouro.²

De fato, o povo judeu abraça o Shabat como um antegozo do Céu. Esse dia não deve ser de fardo, mas de puro deleite, enquanto refletimos sobre a bondade de

Deus e o que Ele preparou para o Seu povo. Por essa razão, durante o *kiddush*, o chefe da casa segura um copo de suco de uva cheio ao máximo para expressar a alegria que enche o coração de cada um que celebra o Shabat. O momento de comunhão e de festa é mais especial do que qualquer outro durante a semana, simbolizando a beleza única deste dia e ajudando o povo de Deus a guardar com expectativa a celebração do Shabat no Céu:

“Porque, assim como os novos céus e a nova terra, que hei de fazer, estarão diante de Mim”, diz *ADONAI*, ‘assim também estão diante de Mim a posteridade e o nome de vocês. De uma Festa da Lua Nova à outra e de um *sábado* a outro, toda a humanidade virá adorar diante de Mim’, diz *ADONAI*” (Isaías 66:22, 23).

Com tal profundidade de significado, o Shabat possui importância especial para todo o povo de Deus — tanto judeus quanto não judeus. Infelizmente, o inimigo tem se empenhado em apagar essa importância ao longo da história. Em breve, a guarda do Shabat estará novamente em grande perigo. Agora, mais do que nunca, precisamos nos apegar a este sinal de lealdade entre Deus e Seu povo.

Referências

1. Deena Yellin, “Home for Shabbat”, Chabad.org, publicado originalmente em *The Jewish Week*.
2. *Talmude, Berachot* 57B.



A profecia de um reino perseguidor



04

Infelizmente, até mesmo entre o povo judeu, muitos perderam de vista o verdadeiro significado do Shabat. O que aconteceu? Uma profecia bíblica em Daniel 7 revela a resposta. Mas antes de lermos Daniel 7, precisamos entender um pouco do contexto histórico de Daniel 2.

Daniel 2 conta a história do rei Nabucodonosor, que acordou certa manhã após uma noite agitada e um sonho estranho. Incapaz de se lembrar do sonho, ele chamou todos os seus sábios, mas nenhum deles conseguiu dizer qual era o sonho, exceto um jovem hebreu chamado Daniel. Daniel, por meio de uma revelação dada por Deus, contou ao rei o sonho e a interpretação. Esse sonho continua relevante hoje porque nele Deus apresenta um panorama da história e de eventos que vão “acontecer nos últimos dias” (Daniel 2:28). Este sonho

será importante para entendermos uma profecia relacionada ao Shabat. Vamos analisá-lo a seguir:

“O senhor, ó rei, estava olhando e viu uma grande estátua. Esta, que era imensa e de extraordinário esplendor, estava em pé, bem na sua frente; e a aparência dela era terrível. A cabeça era de ouro puro, o peito e os braços eram de prata, o ventre e os quadris eram de bronze; as pernas eram de ferro, e os pés eram em parte de ferro e em parte de barro. Enquanto o senhor estava olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos humanas, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro e os despedaçou. O ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro foram despedaçados no mesmo instante, e se fizeram como a palha das eiras no verão. O vento os levou, e deles não se viu mais nenhum vestígio. Mas a pedra que atingiu a estátua se tornou uma grande montanha, que encheu toda a terra” (Daniel 2:31-35).

O que significava essa estátua? O rei Nabucodonosor também se perguntava. E Deus, por intermédio de Daniel, deu a interpretação.

Começando pela primeira parte do sonho, Daniel disse ao rei: “O senhor, ó rei, é a cabeça de ouro.” O ouro representava o luxuoso império da Babilônia, que atingiu seu auge durante o reinado de

Nabucodonosor e cuja capital era ricamente adornada com ouro. Até Jeremias/Yirmeyahu 51:7 descreveu a Babilônia como um “copo de ouro”.

Mas a Babilônia não duraria para sempre. “Depois do senhor, se levantará outro reino, inferior ao seu”, prosseguiu Daniel. Assim como a prata é inferior ao ouro, o reino que sucedeu à Babilônia era inferior em moralidade. (O Tanakh frequentemente usa metais preciosos para descrever valor moral, como em Zacarias 13:9.) Os medos e persas conquistaram a Babilônia em 539 AEC e reinaram até 331 AEC. Esse marco histórico cumpriu Daniel 5:28, que predisse: “O seu reino foi dividido e entregue aos medos e aos persas”.

A terceira parte da imagem era o ventre e as coxas de bronze — “e um terceiro reino, de bronze, que terá domínio sobre toda a terra” (Daniel 2:39). Após o auge do Império Medo-Persa, os gregos, sob o comando de Alexandre, o Grande, rapidamente conquistaram todo o mundo então conhecido.

Mas mesmo o poderoso reino de Alexandre não duraria. Ele seria sucedido por um quarto reino, que seria “forte como o ferro; pois o ferro quebra e despedaça tudo; como o ferro quebra todas as coisas, assim esse reino fará em pedaços e destruirá todos os outros” (Daniel 2:40). De 168 AEC a 476 EC, a monarquia de ferro de Roma dominou.



Enquanto o senhor estava olhando, uma pedra foi cortada sem auxílio de mãos humanas, atingiu a estátua nos pés de ferro e de barro e os despedaçou. ”

DANIEL 2:34

Esse reino também não duraria para sempre. E não seria sucedido por outro império mundial. Em vez disso, “esse será um reino dividido. Contudo, haverá nele alguma coisa da firmeza do ferro, porque o senhor viu o ferro misturado com barro. Como os dedos dos pés eram em parte de ferro e em parte de barro, assim, por um lado, o reino será forte e, por outro, será frágil. Quanto ao ferro misturado com o barro que o senhor viu, isto significa que procurarão se misturar por meio de casamentos, mas não se ligarão um ao outro, assim como o ferro não se mistura com o barro” (Daniel 2:41-43).

O Império Romano começou a ruir à medida que tribos invasoras da Europa conquistavam suas diferentes partes. Essas tribos acabaram formando as nações da Europa dividida, que ainda existem hoje. Apesar das inúmeras tentativas dessas

nações de se unirem em um único império (seja por conquistas ou casamentos reais), Deus deixou claro que “não se ligarão um ao outro”.

Devemos lembrar que o propósito do sonho era indicar o que aconteceria nos últimos dias. Eis a descrição:

“Mas, nos dias desses reis, o Deus do céu levantará **um reino que jamais será destruído** e que não passará a outro povo. Esse reino despedaçará e consumirá todos esses outros reinos, mas **ele mesmo subsistirá para sempre**” (Daniel 2:44, ênfase acrescentada). O Deus do céu viria estabelecer o Seu reino eterno, pondo fim a todos os reinos terrenos.

Em Daniel 7, encontramos uma linha do tempo semelhante, que acrescenta detalhes sobre um poder político-religioso que tem procurado diminuir a importância do Shabat até nossos dias.



Leão
Daniel 7:4



Urso
Daniel 7:5

As quatro bestas

A profecia bíblica é cheia de símbolos. Em Daniel 2, os quatro metais da estátua no sonho representam reinos. E Daniel 7, descrevendo um sonho que Deus deu a Daniel, não é diferente. Desta vez, em vez de uma estátua, Deus usou quatro animais para simbolizar reinos (Daniel 7:17).

Aqui está um resumo do sonho conforme Daniel o viu:

“Eu estava olhando, durante a minha visão da noite, e eis que os quatro ventos do céu agitavam o grande mar. Quatro animais, grandes, diferentes uns dos outros, subiam do mar.

“O primeiro era como um leão e tinha asas de águia. Enquanto eu

olhava, as suas asas foram arrancadas, ele foi levantado da terra e posto em pé, para que andasse como homem; e foi dada a ele uma mente humana.

“A seguir, apareceu o segundo animal, semelhante a um urso, o qual se levantou sobre um dos seus lados. Na boca, entre os dentes, trazia três costelas. E lhe diziam: ‘Levante-se e devore muita carne’.

“Depois disto, continuei olhando, e eis que apareceu outro animal, semelhante a um leopardo. Tinha nas costas quatro asas de ave. Este animal tinha também quatro cabeças, e foi-lhe dado domínio.

“Depois disto, eu continuava olhando nas visões da noite, e



Leopardo
Daniel 7:6



Besta terrível e espantosa
Daniel 7:7

apareceu o quarto animal, terrível, espantoso e muito forte. Tinha grandes dentes de ferro. Ele devorava, fazia em pedaços e pisava com os pés o que sobrava. Era diferente de todos os animais que apareceram antes dele e tinha dez chifres.

“Enquanto eu observava os chifres, eis que entre eles subiu outro chifre, pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados. E eis que neste chifre havia olhos, como olhos de ser humano, e uma boca que falava com arrogância” (Daniel 7:2-8).

Observe como esse sonho é paralelo ao de Daniel 2. Assim como a cabeça de ouro da estátua em Daniel 2 representa o

reino babilônico, também o leão com asas de águia representa a poderosa Babilônia, que ainda governava quando Daniel teve esse sonho (veja Daniel 7:1). O profeta Jeremias, ao falar da destruição de Judá pelos babilônios, referiu-se ao reino da Babilônia como um leão (Jeremias 4:7) com cavalos e carros de guerra “mais ligeiros do que as águias” (Jeremias 4:13).

O reino seguinte é representado por um urso erguido de um lado. Como Daniel já havia mencionado, o reino babilônico foi dividido e entregue aos medos e persas (Daniel 5:28); dois poderes que se uniram sob Ciro, o persa. O urso se levantava de um lado porque uma divisão do reino, a Pérsia, tornou-se mais forte e maior que a outra.

De acordo com a sucessão dos impérios mundiais, o leopardo deve representar a Grécia. “Foi-lhe dado domínio”, assim como Daniel 2:39 diz que “terá domínio sobre toda a terra”. Ele também tinha quatro asas, representando a rapidez com que conquistou todo o mundo então conhecido. As suas quatro cabeças simbolizavam os quatro generais que governaram a Grécia após a morte de Alexandre, o Grande.¹ Um desses generais, Seleuco, estabeleceu domínio sobre Israel. Foi contra essa dominação que ocorreu a Revolta dos Macabeus.

Segue-se que a terrível e espantosa quarta besta corresponde à monarquia de ferro, o Império Romano, mencionada em Daniel 2. A nação judaica sentiu intensamente essa opressão quando estava sob o domínio romano.

Lembramos que nenhum outro império mundial sucedeu o Império Romano; em vez disso, ele foi dividido em tribos (reinos) na Europa. A mesma narrativa básica, com alguns detalhes adicionais, pode ser vista aqui em Daniel 7. Observe que o quarto animal é “diferente de todos os animais que apareceram antes dele” (Daniel 7:7). Aqui estão algumas dessas diferenças:

- › Esse império não foi conquistado por outro depois dele.
- › Ele foi dividido em dez reinos menores, representados pelos dez chifres (v. 24). A história registra que, após a queda do Império Romano em 476 EC, surgiram dez tribos: os hérulos, ostrogodos, visigodos, francos, alamanos, vândalos, suevos, borgonheses, lombardos e anglo-saxões. Com o tempo, essas tribos formariam as nações da Europa dividida.
- › Esse reino foi mais feroz e mais aterrorizante do que os anteriores.

Na visão de Daniel, um estranho e pequeno “chifre”, representando outro reino, surgiu e derrubou três outros reinos. Vamos examiná-lo e entender sua relação com o Shabat.

O poder do chifre pequeno

Note as características desse reino:

- 1 Ele surge do Império Romano (v. 8).**
- 2 Ele aparece entre os outros reinos, mas depois deles (v. 8).**
- 3 Ele subjuga três outros reinos (v. 24).**

- 4 **Ele cresce até se tornar uma grande nação.** O verso 8 o descreve como “pequeno”, mas o verso 20 diz que se torna “mais forte do que os outros chifres [os outros reinos]”.
- 5 **Ele será “diferente dos primeiros” reinos** (v. 24).
- 6 **Tem olhos semelhantes ao de um homem** (v. 8), significando que era governada por uma indivíduo singular.
- 7 **Ele “falará contra o Altíssimo”** (v. 25), isto é, desafia o verdadeiro Deus.
- 8 **Ele faz “guerra contra o kedoshim e [os] estava vencendo”** (v. 21, 25). Em outras palavras, é um poder perseguidor do povo de Deus.

- 9 **Ele exerce autoridade por um período de três tempos e meio** (v. 25). Em Daniel 4:22, a expressão “tempos” é usada para se referir a anos. Assim, em Daniel 7, um tempo representa 360 dias; o número de dias no calendário judaico anual. Estudiosos do Tanakh interpretam um dia profético como equivalente a um ano literal (Números 14:34; Ezequiel 4:5, 6).² Portanto, um tempo = 360 dias proféticos = 360 anos literais. E três tempos e meio = 1.260 dias proféticos = 1.260 anos literais. Nos escritos apostólicos, no livro de Apocalipse, o autor judeu João também menciona os três tempos e meio, conectando-os com a profecia dos 1.260 dias (Apocalipse 12:6, 14).

- 10 **Esse poder pensa em “mudar os tempos e a lei”** (v. 25). Ele está claramente desafiando a Deus e, assim, busca minar o próprio fundamento do reino de Deus: Seus Dez Mandamentos, que Ele nos deu no monte Sinai. E qual é o único mandamento estabelecido por Deus que se refere ao tempo? O Shabat!



Até mesmo a redação do mandamento do Shabat nos mostra sua natureza única e sensível ao tempo:

“Lembre-se do *Yom Shabat*, para o santificar. Seis dias você trabalhará e fará toda a sua obra, mas o sétimo dia é o *Shabat* dedicado a *ADONAI*, seu Deus [...] Porque em seis dias *ADONAI* fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso *ADONAI* abençoou o *Yom Shabat* e o santificou” (Êxodo 20:8-11).

Deus escreveu essa lei com Seu próprio dedo em tábuas de pedra (Êxodo 31:18), e ainda assim esse poder tentaria mudá-lo.

Identificando o pequeno chifre

Que poder é esse? Vamos analisar as características do pequeno chifre e compará-las com a história.

Após a divisão do Império Romano e sua conquista pelas tribos da Europa, surgiu outro reino que derrotou três dessas tribos: os vândalos, os ostrogodos e os visigodos. Exatamente como Daniel 7 havia profetizado. Essas três tribos ocupavam partes do Norte da África, da Itália e do Leste Europeu. Quem os conquistou? Foi o imperador Justiniano, governante do Sacro Império Romano. Esse reino começou pequeno, mas cresceu, unindo grande parte da Europa sob seu domínio em 532 EC. A conquista das outras três tribos foi concluída em 538 EC.



Uma representação da opulência do Sacro Império Romano pode ser vista no interior da Igreja dos Teatinos, em Munique, Alemanha.

Este reino era singular porque não era apenas um poder político, mas também um poder religioso.

Esse reino era único porque não era apenas um poder político, mas também um poder religioso. Justiniano declarou a Igreja Romana — o papado — como “a cabeça de todas as santas igrejas”.

Conforme representado pelos olhos de homem em Daniel 7, esse poder papal tinha um homem à sua frente: o papa.

Esse poder também falaria contra o Altíssimo. Mas como uma nação ou um reino “fala”? Uma nação “fala” por meio de suas leis

e decretos. A Igreja Romana desafiou Deus ao promulgar leis que entravam em conflito com Seus mandamentos claros. Ela chegou a extinguir a guarda do Shabat entre o povo de Deus em lugares como Índia e Etiópia.

A Igreja Romana também ficou conhecida por perseguir os *kedoshim* — aqueles que escolheram permanecer fiéis a Deus. Durante um período da história frequentemente chamado de Idade das Trevas, a Igreja Romana estabeleceu tribunais de inquisição para interrogar e punir aqueles que mantinham crenças diferentes daquelas impostas pela igreja oficial. Muitos foram torturados, presos e mortos sem ter oportunidade de se defender.³

Essa perseguição se estendeu durante todo o período em que a Igreja Romana exerceu poder: 1.260 anos (três tempos e meio, Daniel 7:25). Ela alcançou pleno poder em 538 EC, quando derrotou os três outros reinos. E somente em 1798 seu poder começou a declinar, quando o general de Napoleão, Berthier, levou cativo o líder da Igreja Romana.

Mas como exatamente esse poder tentou “mudar os tempos e a lei”? Um relato do quarto século EC nos dará algumas respostas.

Referências

1. Joshua J. Mark, “The Hellenistic World: The World of Alexander the Great,” *World History Encyclopedia*, 1 de novembro, 2018, Disponível em: <https://www.worldhistory.org/article/94/the-hellenistic-world-the-world-of-alexander-the-g/>
2. Rabbi Hersh Goldwurm, *Daniel: A New Translation with Commentary, Anthologizing from Talmudic, Midrashic and Rabbinic Sources* (Nova York, NY: ArtScroll Mesorah Publications, 1979).
3. John Foxe, *Foxe's Book of Martyrs* (Peabody, MA: Hendrickson Publishers, 2004), p. 78, 79.

Quando o Shabat é desrespeitado

HABITAT... OMNES MER...
OMNES REQUIESCANT IN...
FICES, DIE SOLIS, SED SINT
ABILI DIE SOLIS COLENDI
AGRICOLIS QUOD SAEPE FIT, UT
QUOD SAEPE FIT, UT
DIES TAM AD SERENDUM
RUMENTUM AUT VINEAS
SERERET UNDE NON EST PRAT
TEREUNDUM TEMPUS OPT
TUM TATIS



05

Constantino tinha um problema. Com a morte de seu pai, o exército o proclamou imperador do Império Romano, um império que, naquele momento, estava em colapso devido ao caos da guerra civil. Os 18 anos seguintes seriam um desafio para derrotar cada um de seus três rivais e se tornar o único imperador do vasto reino.¹

Durante esse tempo de crise, Constantino fez um movimento político astuto. Em uma tentativa de unificar a nação, ele legalizou o cristianismo em todo o seu império. Essa decisão traria muitas consequências, tanto para os verdadeiros seguidores de Yeshua quanto para o povo judeu.

Após o tempo de Yeshua no primeiro século, os judeus que o haviam aceitado continuaram a observar muitas de suas tradições judaicas. Eles

também permaneceram fiéis em guardar o Shabat no sétimo dia, o que o próprio Yeshua manteve. Durante os primeiros séculos da era comum, os seguidores de Yeshua, chamados cristãos, sofreram intensa perseguição por parte do Império Romano. Essa hostilidade ficou conhecida como a “Era dos Mártires”. Antes do quarto século EC, ocorreram dez períodos de perseguição.² Os judeus também compartilharam dessa perseguição, sofrendo a destruição de seu templo e da cidade de Jerusalém, no ano 70 EC.

No entanto, quando Constantino legalizou o cristianismo, a perseguição cessou. Mas a paz veio com um preço: eles começaram a comprometer seu valores quando Constantino fundiu os mandamentos de Deus com práticas pagãs.

Aqui, a separação entre cristianismo e judaísmo começou a se acentuar, quando Constantino

decretou a seguinte lei em 321 EC: “No venerável Dia do Sol, que os magistrados e os residentes nas cidades descansem, e que todas as oficinas sejam fechadas.”³

Para se distinguirem do povo judeu, os cristãos vinham gradualmente se afastando da guarda do Shabat para celebrar o domingo, o dia em que os pagãos adoravam o sol. O Shabat passou a ser diretamente associado ao judaísmo, como mostrou o Concílio de Laodiceia, que declarou: “Os cristãos não devem judaizar e ficar ociosos no sábado, mas devem trabalhar nesse dia; no entanto, honrarão especialmente o dia do Senhor e, sendo cristãos, se possível, não farão trabalho nesse dia. Se,



porém, forem encontrados judaizando, serão excluídos de Cristo.”⁴

Ainda assim, esse tratamento dado ao Shabat estava em aberta oposição ao mandamento de Deus. Ainda assim, a Igreja Romana afirma até hoje que teve autoridade para reatizar essa mudança. O Catecismo Católico declara: “Observamos o domingo em vez do sábado porque a Igreja Católica transferiu a solenidade do sábado para o domingo”.⁵

Apesar desse período da história, quando muitos que professavam seguir a Deus preferiram uma tradição

humana aos mandamentos divinos, alguns permaneceram fiéis ao Shabat. Entre esses fiéis que continuaram a se apegar ao Shabat, incluindo os judeus, os valdenses do norte da Itália e a igreja celta das Ilhas Britânicas, encontraram refúgio em regiões montanhosas para praticar sua fé. Eles suportaram a perseguição que foi profetizada para ocorrer durante os 1.260 anos do poder da Igreja Romana, porque não estavam dispostos a renunciar à sua lealdade e obediência a Deus (ver Apocalipse 12:6).

A painting of a man and a young girl looking up at a mountain range. The man is in the foreground, looking upwards with a serious expression. The girl is in the lower left, also looking up. The background shows a vast, mountainous landscape under a blue sky.

***Esses fiéis crentes,
que continuaram a
se apegar ao Shabat,
encontraram refúgios
seguros em regiões
montanhosas para
praticar sua fé.***

Shabat ou um saco de ouro

Conta-se a história de um homem que guardava fielmente o Shabat todas as semanas. Numa sexta-feira à noite, ao fazer sua caminhada habitual até a sinagoga para o culto, ele viu algo incomum no caminho. Era um saco de ouro! Que sorte!

De repente, o saco falou: — Pegue-me, pegue-me! Eu posso mudar toda a sua vida se você me levasse para casa esta noite.

O homem hesitou por um momento. Mas percebeu que o sol estava prestes a se pôr e que o Shabat estava para começar. Murmurando as palavras “Shabos, Shabos”, ele rapidamente seguiu seu caminho e chegou à sinagoga a tempo.

Mais tarde naquela noite, a caminho de casa, ele se lembrou do saco de ouro. Será que ainda estaria lá? Surpreendentemente, ainda estava! Por que ninguém mais o pegou?



Novamente, o saco insistiu: — Pegue-me. Você não quer me pegar? Eu poderia mudar toda a sua vida. Você poderia comprar tudo o que precisasse. Nunca mais teria um dia ou um momento de necessidade!

Mas o homem sabia que não o faria no Shabat. Ele novamente disse: “Shabos, Shabos” e continuou no seu caminho.

A cena se repetiu na manhã seguinte, quando ele retornava para a sinagoga. Desta vez, o saco lhe disse: — Que tipo de tolo é você para passar por mim pela terceira vez e não me pegar? Você poderia cuidar dos seus amigos, de sua família, de tudo o que quisesse, de todas aquelas *mitzvot*, aquelas obrigações que sempre quis cumprir. Poderia fazer tantas coisas se apenas me pegasse!

Mas a resposta do homem continuou a mesma: — Shabos, Shabos.

Naquela noite, após o encerramento do Shabat, o homem contou sua experiência a um amigo: — Você não vai acreditar no que me aconteceu. A caminho da sinagoga

ontem à noite, encontrei um saco de ouro! Os dois decidiram correr de volta para ver se o saco ainda estava lá. Quando chegaram ao local, ficaram desapontados ao vê-lo desaparecido.

O amigo olhou para o homem e perguntou: — Como você pôde passar por ele tantas vezes e não pegá-lo? Como isso é possível? Você poderia ter tido tanto na vida se apenas tivesse pegado aquele saco de ouro. E agora, o que você tem?

O homem respondeu rapidamente com as palavras: — Shabos, Shabos.⁶

O Shabat nos últimos dias

No passado, muitos fiéis seguidores de Deus escolheram a Deus e o Shabat em vez de riqueza, segurança, aprovação social e até da própria vida. Foram privados de tudo, mas ninguém pôde tirá-lhes a fé. Ninguém pôde tirá-lhes o Shabat.

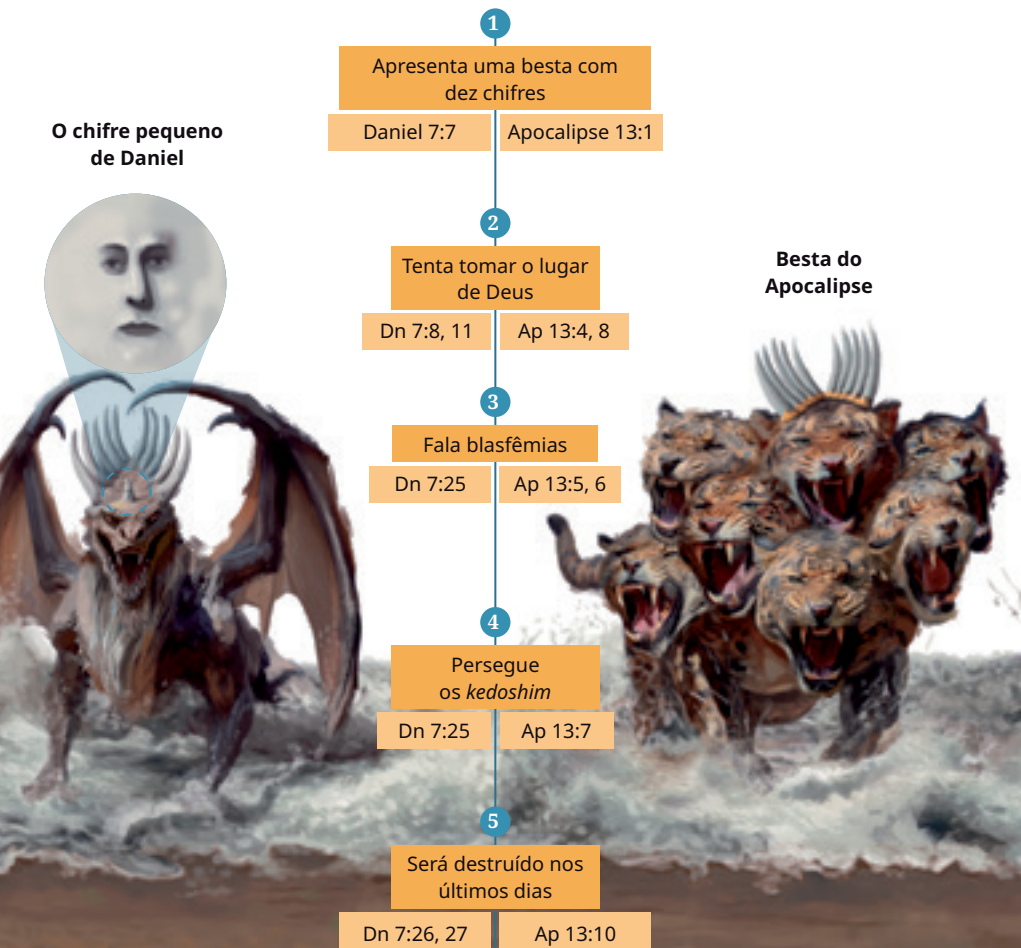
Está chegando um tempo em que enfrentaremos novamente essas provas. O Shabat é suficiente para nós? Deus é suficiente para nós?

***Um tempo está chegando
quando enfrentaremos
novamente essas provações.
O Shabat é suficiente para nós?
Deus é suficiente para nós?***

Em seus escritos, conforme registrado no livro apostólico de Apocalipse, João narra visões que teve durante sua própria experiência de perseguição e exílio na ilha de Patmos. Suas visões têm muitos paralelos com as profecias encontradas em Daniel. De fato, Apocalipse 13

fala de um poder, também descrito como uma besta, que perseguiria os *kedoshim*, resultando em uma crise de adoração nos últimos dias. As características desse poder religioso-político correspondem às características do poder do pequeno chifre em Daniel 7. Observe as semelhanças:

O chifre pequeno de Daniel e a besta do Apocalipse



Com tantas características em comum, essa besta, assim como o poder do chifre pequeno, deve representar a Igreja Romana.

Apocalipse 13:7, 8 descreve esse poder:

“Foi-lhe permitido, também, que lutasse contra os *kedoshim* e os vencesse. Foi-lhe dada, ainda, autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação. E ela será adorada por todos os que habitam sobre a terra, aqueles que, desde a fundação do mundo, não tiveram os seus nomes escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto.”

Em um tempo de crise mundial, semelhante ao tempo de Constantino, o poder da Igreja Romana pressionará para que leis religiosas sejam estabelecidas a fim de promover a unidade. Poucos permanecerão firmes contra esse poder religioso-político.

Mas Apocalipse 14 descreve os *kedoshim*, uma pequena minoria de pessoas que perseverará em guardar os mandamentos de Deus como sinal de sua lealdade a Ele (v. 12). Eles terão uma mensagem que conclama o mundo inteiro para que “temam a Deus e deem glória a Ele, pois é chegada a hora em que Ele vai julgar. Adorem Aquele que fez o céu, a terra, o mar e as fontes das águas” (v. 7). Essa mensagem nos remete a Êxodo 20:8-11, que

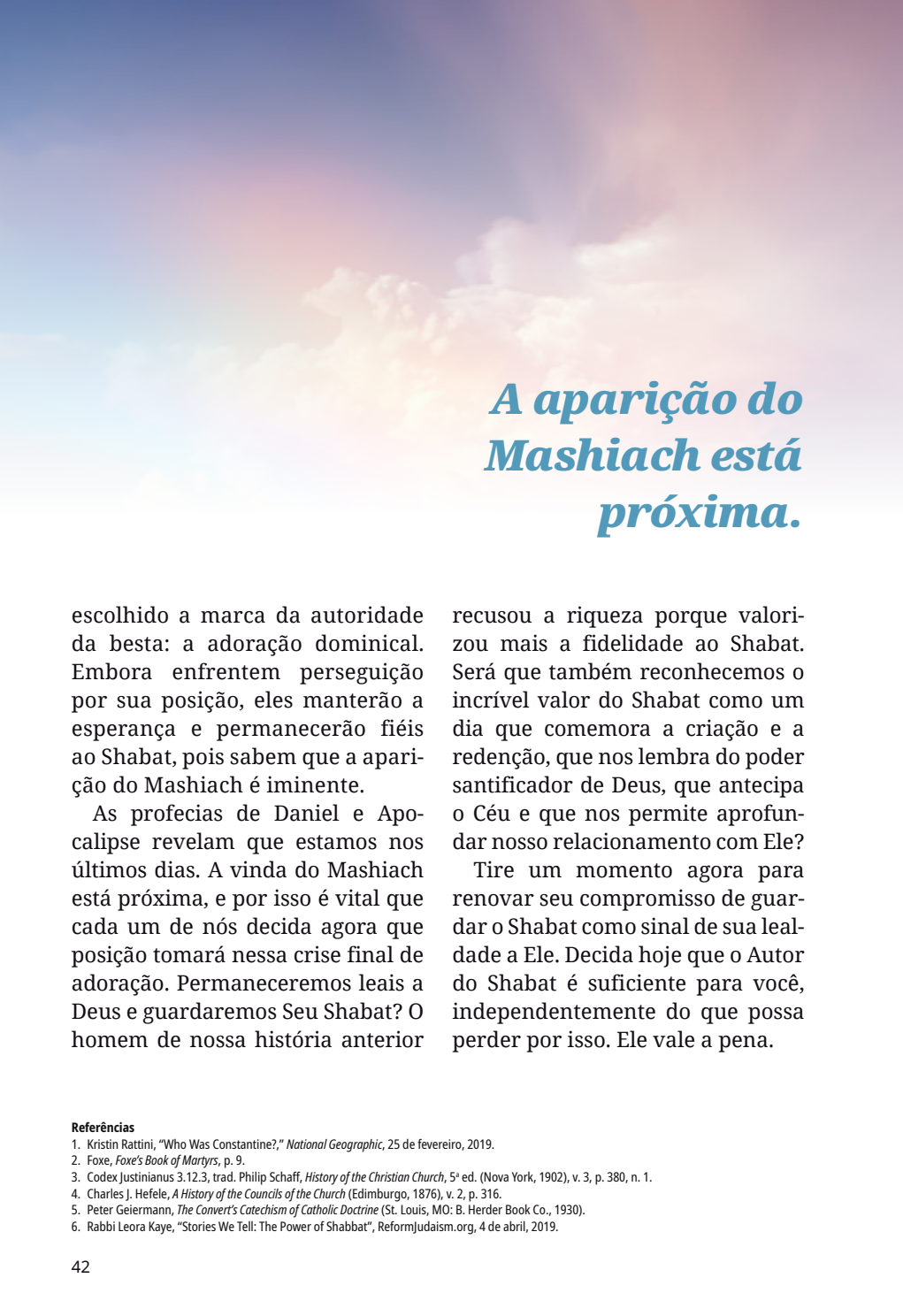
ordena ao povo de Deus a guardar o Shabat porque Ele “fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há”.

Eles também advertirão as pessoas contra receber a marca da Igreja Romana, que exigirá adoração contrária ao mandamento divino (Apocalipse 14:9-11). Já vimos que essa marca será a deslealdade a Deus, demonstrada pela guarda do domingo em vez do Shabat.

Os *kedoshim* honrarão a Deus guardando o Shabat do sétimo dia, mesmo quando todos ao redor tiverem se voltado contra eles e

***E ela será
adorada por
todos os que
habitam sobre
a terra, aqueles
que, desde a
fundação do
mundo, não
tiveram os seus
nomes escritos
no Livro da Vida
do Cordeiro que
foi morto.*** ”

APOCALIPSE 13:7, 8



A aparição do Mashiach está próxima.

escolhido a marca da autoridade da besta: a adoração dominical. Embora enfrentem perseguição por sua posição, eles manterão a esperança e permanecerão fiéis ao Shabat, pois sabem que a aparição do Mashiach é iminente.

As profecias de Daniel e Apocalipse revelam que estamos nos últimos dias. A vinda do Mashiach está próxima, e por isso é vital que cada um de nós decida agora que posição tomará nessa crise final de adoração. Permaneceremos leais a Deus e guardaremos Seu Shabat? O homem de nossa história anterior

recusou a riqueza porque valorizou mais a fidelidade ao Shabat. Será que também reconhecemos o incrível valor do Shabat como um dia que comemora a criação e a redenção, que nos lembra do poder santificador de Deus, que antecipa o Céu e que nos permite aprofundar nosso relacionamento com Ele?

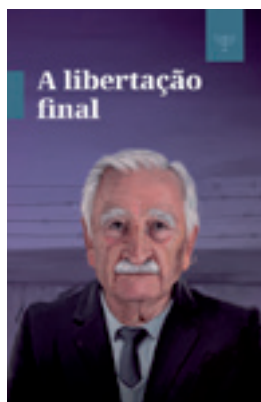
Tire um momento agora para renovar seu compromisso de guardar o Shabat como sinal de sua lealdade a Ele. Decida hoje que o Autor do Shabat é suficiente para você, independentemente do que possa perder por isso. Ele vale a pena.

Referências

1. Kristin Rattini, "Who Was Constantine?," *National Geographic*, 25 de fevereiro, 2019.
2. Foxe, *Foxe's Book of Martyrs*, p. 9.
3. Codex Justinianus 3.12.3, trad. Philip Schaff, *History of the Christian Church*, 5ª ed. (Nova York, 1902), v. 3, p. 380, n. 1.
4. Charles J. Hefele, *A History of the Councils of the Church* (Edimburgo, 1876), v. 2, p. 316.
5. Peter Geiermann, *The Convert's Catechism of Catholic Doctrine* (St. Louis, MO: B. Herder Book Co., 1930).
6. Rabbi Leora Kaye, "Stories We Tell: The Power of Shabbat", *ReformJudaism.org*, 4 de abril, 2019.



Leitura adicional



Quer explorar outras revistas que respondem algumas das perguntas mais profundas da vida? Muitos outros materiais esclarecedores e cheios de esperança estão disponíveis em nosso site.

Escaneie o código QR para conferir agora mesmo.





Escaneie o código QR
para saber mais.

